



ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE

Mauri Valmir Reis

**DOXA SOCIETÁRIA E FORMAÇÃO DO EU**

RECANTO MAESTRO  
2023



ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE

Mauri Valmir Reis

**DOXA SOCIETÁRIA E FORMAÇÃO DO EU**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).  
Orientação: Prof. Dr. Josemar Soares

RECANTO MAESTRO  
2023

# DOXA SOCIETÁRIA E FORMAÇÃO DO EU

Mauri Valmir Reis

**Resumo:** Este artigo procura explorar o impacto do ambiente coletivo no crescimento pessoal, destacando especialmente a doxa societária com suas crenças, valores e princípios dominantes em uma determinada sociedade. Esta estrutura coletiva tem um papel fundamental na modelagem da identidade individual, influenciando a percepção de realidade, as decisões e as ações do indivíduo. Compreender a doxa societária é fundamental para decifrar as nuances da identidade humana, incluindo a maneira como a sociedade pode moldar a forma como nos vemos e nosso valor pessoal. A revisão inclui ainda uma avaliação aprofundada dos elementos mais relevantes e impactantes da perspectiva ontopsicológica, que oferece uma visão sobre a natureza humana e as interações sociais.

**Palavras-chave:** Ontopsicológica; Doxa Societária; formação social; formação do Eu.

## SOCIETAL DOXA AND EGO FORMATION

**Abstract:** This article seeks to explore the impact of the collective environment on personal growth, especially highlighting societal doxa with its dominant beliefs, values, and principles in each society. This collective structure plays a fundamental role in shaping individual identity, influencing the perception of reality, decisions, and actions of the individual. Understanding societal doxa is essential to deciphering the nuances of human identity, including how society can shape the way we see ourselves and our personal value. The review also includes an in-depth evaluation of the most relevant and impactful elements of the ontopsychological perspective, which offers a vision of the human nature and social interactions.

**Keywords:** Ontopsychological; Corporate Doxa; social training; formation of the Ego.

## **Sumário**

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	6
<b>2.1 A ONTOPSICOLOGIA: CONCEITOS BÁSICOS E TEORIA DA PERSONALIDADE</b> ...	6
<b>2.1.1 A CIÊNCIA POSITIVISTA E A ONTOPSICOLOGIA</b> .....	9
<b>2.2 DOXA SOCIETÁRIA</b> .....	12
<b>2.2.1 INSTITUIÇÕES</b> .....	16
<b>2.2.2 VIDA EM COMUNIDADE</b> .....	18
<b>2.2.3 ESTRUTURA SOCIAL</b> .....	20
<b>2.3 NATUREZA DO SER HUMANO</b> .....	23
<b>2.3.1 O NASCIMENTO DO EU</b> .....	24
<b>2.3.2 FORMAÇÃO DO EU</b> .....	27
<b>2.3.3 INFLUÊNCIA SOCIAL NA FORMAÇÃO DO EU</b> .....	29
<b>2.3.4 INFLUÊNCIA HISTÓRICA NA FORMAÇÃO DO EU</b> .....	31
<b>2.4 ANALISANDO O PROCESSO DE METANOIA NA ONTOPSICOLOGIA</b> .....	33
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>4. REFERÊNCIAS</b> .....	38

## 1. INTRODUÇÃO

A Ontopsicologia, como ciência epistêmica, interdisciplinar e complementar às demais ciências humanistas, possibilita a obtenção de resultados muito eficientes para o desenvolvimento humano. Este artigo destaca a conexão entre a Doxa Societária e o desenvolvimento do Eu, com o intuito de compreender melhor como crenças, valores e princípios dominantes em uma comunidade específica podem influenciar na estruturação da identidade pessoal.

A motivação para escrever sobre a Formação do Eu e a Doxa Societária reside na relevância do tema na construção da identidade pessoal. Diante disto, o trabalho tem, como problema de pesquisa: “qual a influência da doxa societária na formação do Eu?”. Para investigar esta questão, o objetivo geral do trabalho é aprofundar o conhecimento sobre a formação do Eu, examinar as influências exercidas no convívio social e avaliar o papel da Ontopsicologia nesse processo. De maneira específica, se objetiva: compreender a formação do Eu; entender as interferências da doxa societária nesse processo; e avaliar como a Ontopsicologia pode auxiliar na construção de uma identidade mais congruente com o projeto de natureza individual.

Metodologicamente falando, o presente trabalho se estrutura a partir de uma revisão bibliográfica, em que foram examinadas pesquisas que buscam entender a influência da cultura e sociedade no desenvolvimento da identidade, assim como os impactos dessas influências na saúde mental e bem-estar dos indivíduos. A doxa societária tem um papel importante na formação das pessoas que compõe a comunidade na qual o sujeito está inserido, podendo causar conflitos internos e angústia psicológica quando os valores individuais entram em confronto com os valores dominantes na sociedade.

Assim, é fundamental promover uma reflexão crítica sobre a doxa societária e suas influências, visando possibilitar a construção de uma identidade mais autêntica e saudável, que leve em conta tanto os valores pessoais, de natureza, quanto os valores sociais. Este estudo teórico e bibliográfico fundamenta-se nas obras do de Antonio Meneghetti, para auxiliar no entendimento da formação do Eu, das influências da doxa societária e da aplicação do método ontopsicológico.

As influências históricas e culturais exercidas pela doxa societária têm provocado uma formação do Eu geralmente desconectada das características inatas que definem o ser humano. Conforme Meneghetti (2020, p. 23) afirma: "O ser humano é 'ensacado' pela prótese da doxa societária que o acolhe desde o primeiro momento do seu nascimento." Compreender esse fenômeno é o foco principal deste trabalho, contribuindo para a construção de um conhecimento mais profundo sobre a formação da identidade individual e o papel da Ontopsicologia neste processo.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A ONTOPSICOLOGIA: CONCEITOS BÁSICOS E TEORIA DA PERSONALIDADE

A Ontopsicologia é o principal fundamento teórico utilizado neste trabalho e, nesse contexto, cabe a explicitação dos conceitos básicos desta ciência para que, ao longo do texto, termos técnicos e pressupostos teóricos sejam já conhecidos. A Ontopsicologia surge na década de 1970, fundada pelo cientista italiano Antonio Meneghetti, e tem como objetivo a análise da atividade psíquica do ser humano. Conceitualmente falando, esta ciência é definida por seu fundador como “o estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, não excluía a compreensão do ser” (Meneghetti, 2021). Disto, é possível compreender que a Ontopsicologia não limita a própria pesquisa a uma dimensão em particular do ser humano, mas parte de uma visão integral de ser humano para prosseguir nas suas teses. Dentro disto, é prioritário tratar sobre o aspecto ontológico do ser humano. A Ontopsicologia, por meio de suas descobertas e método específicos, permite que cada um possa evidenciar o próprio projeto de natureza e tenha autonomia para transformar esse projeto em história. O resultado disto é, inequivocamente, a realização do sujeito em todas as esferas da vida.

A Ontopsicologia é uma abordagem contemporânea que busca analisar a atividade psíquica humana de uma perspectiva humanista-existencial. Do ponto de vista terminológico, "Ontopsicologia" deriva do grego e é composta por "onto", que vem do grego "ontos" (ser), “psique” (que retoma o conceito de alma) e logos (que é normalmente entendido como lógica, sentido, estudo). Portanto, a Ontopsicologia busca investigar e entender o ser humano em sua totalidade, considerando tanto aspectos psicológicos quanto ontológicos. Segundo Meneghetti (2022a, p. 141):

A Ontopsicologia é uma ciência enquanto utiliza os primeiros princípios racionais e prossegue com um processo racional. Tem um objeto de estudo, um método e um fim. Objeto: a Ontopsicologia tem por objeto a atividade psíquica inerente à fenomenologia humana, ou seja, estuda a experiência psicológica humana, individua as causas que a constituem e os elementos que podem resolvê-la. Por "atividade psíquica" entende-se o númeno, a alma, o si de cada si, o informal que forma cada sucessivo. É o ponto através do qual o homem pensa, quer, existe, mas que não pode objetivar, nem mesmo nos seus processos racionais. É transcendente, invisível e revela-se somente pelos efeitos. Quando se alcança o grau máximo de conhecimento consentido ao humano, torna-se evidência pura. Mas neste ponto o homem não reflete mais, não fala mais, não usa nenhuma lógica, porque já é ecceica presença no ato que é.

A partir da citação, é possível notar que a Ontopsicologia é uma ciência que possui uma estrutura bem definida, incluindo objeto de estudo, método e fim. O objeto de estudo da

Ontopsicologia é a atividade psíquica inerente à fenomenologia humana, ou seja, a experiência psicológica humana é o foco principal de investigação. A disciplina se dedica à análise e compreensão das causas que constituem essa experiência psicológica e os elementos que podem resolvê-la.

A "atividade psíquica" é apresentada como um conceito fundamental na Ontopsicologia, referindo-se ao númeno – o aspecto ainda causal, aquele oposto ao fenômeno –, que aqui se especifica na realidade psíquica do sujeito. Esse aspecto da psique humana é descrito como transcendente e invisível, revelando-se apenas por meio dos efeitos que produz nas ações e comportamentos do indivíduo.

A Ontopsicologia se concentra na análise do ser humano em seu contexto existencial e histórico, investigando as estruturas e processos que formam a natureza humana e como esse processo se especifica em cada indivíduo. A Ontopsicologia busca compreender e analisar a atividade psíquica do ser humano em relação à sua existência e ao mundo em que vive, com o objetivo de proporcionar uma compreensão mais profunda da lógica de natureza no ser humano.

A visão da Ontopsicologia enfatiza a ideia do "homem protagonista responsável", ou seja, um indivíduo que assume a responsabilidade pela sua própria vida e desenvolvimento pessoal. Isso é baseado no fato de que cada pessoa possui uma virtualidade inerente e a capacidade de agir e se expressar autenticamente.

Meneghetti (2012) indica que a Ontopsicologia se distingue das outras ciências, em termos de análise científica e de prática, por considerar as três descobertas individuadas por Meneghetti, que complementam a análise das ciências tradicionais. Esse complemento ocorre, então, a partir do Em Si ôntico, do campo semântico e do monitor de deflexão.

O Em Si ôntico é entendido como um “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (Meneghetti, 2012, p. 84). É o princípio vital do ser humano, o formal que indica as coordenadas identitivas do sujeito no seu contexto existencial e que conta com o Eu<sup>1</sup> como um “piloto” para atuar na materialidade e dar concretude ao projeto virtual. Se o sujeito é capaz de ser um realizador da própria diretividade ôntica, constrói a vida com coerência e colhe satisfação integral de viver.

---

<sup>1</sup> O Eu lógico-histórico “é a função fenomenológica da realidade histórica, o ângulo ótico de tomada de contato, o ponto de relação único daquele lugar da existência” (Meneghetti, 2010, p. 209). É a parte consciente, decisional do sujeito, que deve atuar existencialmente a intencionalidade do Em Si ôntico. O Eu lógico-histórico “tem a tarefa da conservação em evolução, deve constantemente autopôr-se (*autóctise histórica*), definindo o lugar, o tempo e o modo. Da responsabilidade do Eu depende o ser ou não-ser histórico do Em Si” (Meneghetti, 2010, p. 138). Dado que a realização se dá no plano existencial, o Eu lógico-histórico é essencial para que se estabeleça uma dinâmica de saúde, criatividade e desenvolvimento segundo as coordenadas da própria identidade.

O campo semântico, que foi a primeira das descobertas realizadas por Meneghetti, é definido como a “comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individualizações” (Meneghetti, 2012, p. 38). De fato, a natureza dota cada ser vivo com uma capacidade comunicativa que antecede qualquer outra forma posteriormente aprendida. O campo semântico é um modo de transmissão de informação que não promove deslocamento de energia e que é atuada antes das comunicações verbais e não-verbais. Além disso, é uma comunicação que independe da volitividade do sujeito e é transmitida constantemente.

A terceira descoberta exclusiva da Ontopsicologia é o monitorio de deflexão, entendido como um “estabilizador obsessivo que determina o universal da psicopatologia no interior e no exterior do sujeito” (Meneghetti, 2012, p. 175). O monitor de deflexão é uma estrutura que deflete a informação do Em Si ôntico e estabiliza o sujeito em um modo repetitivo que não guarda reversibilidade com os modos nativos do sujeito. Todas as fenomenologias que se verificam como regressão e perda, em sentido amplo e geral, estão coligadas à atividade programática do monitor de deflexão.

Entendidas as descobertas, outro ponto essencial ao presente trabalho diz respeito à teoria da personalidade proposta pela Ontopsicologia. Para se tratar de doxa societária, é preciso antes compreender a formação do ser humano para visualizar de que modo a doxa societária influencia na formação do sujeito. Primeiramente, se entende que o ser humano, ao nascer, é um projeto da vida com todas as condições de realização: ao nascer, o ser humano é somente Em Si ôntico, e suas ações e decisões são sempre no sentido de finalizar bem um instinto. Todo ser humano nasce em uma família e é criado por pais. Em um dado momento do desenvolvimento, momento este que é casual e não causal, a figura de máxima referência afetiva da criança – denominado em Ontopsicologia de adulto-mãe, mas que não é necessariamente a mãe biológica da criança – se encontra em frustração, ou seja, naquele momento ela não é capaz de dar conta de algum dos instintos do se feixe e se percebe frustrada. Inconscientemente, devido à frustração, o adulto-mãe promove uma censura em um dado movimento instintivo da criança, o que promove uma censura e a criança passa a entender a satisfação daquele instinto como algo perigoso, “feio” e incorreto.

É importante, nesse processo, compreender duas coisas: primeiramente, a criança entende o adulto-mãe como máxima referência afetiva e também como meio de sobrevivência, então essa primeira “traição de si mesmo”, ao se manter fiel à censura em detrimento da satisfação do próprio egoísmo vital, é uma estratégia de sobrevivência da criança, que é um ente ainda incapaz de prover a si mesmo; segundo, o adulto-mãe não faz a censura por maldade ou

por consciência, mas uma vez que está em frustração, sente necessidade – inconsciente – de compensação e o faz na criança.

O resultado desse processo é a inserção do monitor de deflexão na criança: antes, havia a comunicação livre entre Em Si ôntico e Eu lógico-histórico, mas passa a existir uma estrutura que desvia a informação e fixa um programa com base na censura realizada. Com a inserção, ocorre a formação do inconsciente e as definições do complexo dominante e do estereótipo cardinal do sujeito. Essa é a experiência do ser humano na formação da própria personalidade: se nasce como um projeto da vida capaz de realização, mas há uma censura que molda uma rigidez que constringe o sujeito à repetição. Vale ressaltar que, apesar da inserção do monitor de deflexão, o Em Si ôntico permanece puro, pois o que se altera é a percepção da informação, e não o núcleo informático. Desse modo, é possível, por meio dos instrumentos de intervenção da Ontopsicologia, compreender a própria estrutura inconsciente e evidenciar a própria diretividade ôntica, para que, desse modo, o Eu lógico-histórico do sujeito possa ser um confiável realizador do projeto ôntico.

O objetivo primário da Ontopsicologia é a autenticação do ser humano, fazendo com que ele recupere a consciência das informações do Em Si ôntico e seja capaz de atuação criativa no concreto existencial. A partir do seu método, a Ontopsicologia fornece as bases para que cada um possa impactar em realidade o mundo em que vive e, desse modo, possa ser mais assertivo na condução da própria vida.

### **2.1.1 A CIÊNCIA POSITIVISTA E A ONTOPSICOLOGIA**

Para entender melhor o posicionamento científico da Ontopsicologia, é importante retomar o positivismo científico. A ciência positivista emergiu no século XIX em resposta ao pensamento metafísico e especulativo que dominava a Filosofia e a ciência da época. Seu principal objetivo era estabelecer uma metodologia rigorosa e objetiva para investigar fenômenos naturais e sociais, baseada na observação empírica, na experimentação controlada e na formulação de leis universais e verificáveis. Nessa perspectiva, a ciência positivista se propôs a ser uma fonte de conhecimento confiável e universal, capaz de explicar e controlar o mundo de maneira sistemática e progressiva. Segundo Meneghetti (2022a, p. 93):

Se o XVIII é o século das luzes, o século XIX é o da legitimação do rigor metodológico. Nasce e desenvolve-se, da França ao resto da Europa, o Positivismo, que reconhece o valor central das ciências e define os cânones universais do método científico, completando o percurso iniciado com Galileu. Antes de tudo, para ser definida como tal, uma "ciência" deve possuir um modelo preditivo, um objeto de estudo, um método e um fim da sua pesquisa. Deve ser experimental, e para isso, os seus experimentos devem ser repetíveis e reproduzíveis e devem chegar a formulações

de leis e explicações relativas aos fenômenos observados, com a rejeição absoluta de hipóteses não verificadas. Essa novidade consente ulteriores sucessos das ciências ligadas à aplicação do método, sucessos que sancionam uma fé absoluta no progresso. Os instrumentos de pesquisa são refinados, as invenções sucedem-se incessantemente: são aperfeiçoados os microscópios que consentem analisar também o vasto microcosmo, inventa-se o motor a combustão, o cinematógrafo, o telégrafo, o telefone, o aeroplano.

A citação ressalta a evolução e o impacto do Positivismo e do rigor metodológico durante o século XIX. A adoção de um modelo preditivo, um objeto de estudo, um método e um fim da pesquisa são, de fato, critérios fundamentais para definir uma disciplina como ciência. Além disso, a capacidade de repetir e reproduzir experimentos é crucial para a validade e a credibilidade científica.

No século XIX, houve um grande desenvolvimento na ciência, principalmente na Europa, culminando no Positivismo. A crença no progresso e na melhoria contínua através do conhecimento científico foi um tema dominante da época, liderado por pensadores como Auguste Comte na França, que cunhou o termo "Positivismo". Esse período também viu aprimoramentos significativos na tecnologia de pesquisa, como microscópios mais precisos, e uma série de importantes invenções, como o motor a combustão, o cinematógrafo, o telégrafo, o telefone e o aeroplano.

O Positivismo contribuiu para uma confiança crescente no poder do conhecimento científico, o que, por sua vez, levou a avanços ainda maiores. A ciência não apenas deu aos humanos uma compreensão mais profunda do mundo natural, mas também mudou a forma como vivemos, trabalhamos e nos comunicamos. A influência da ciência e da tecnologia só cresceu desde então, afetando quase todos os aspectos da vida moderna.

Entretanto, a ciência positivista foi criticada por diversos autores que apontaram suas limitações e implicações. Para esses críticos, a abordagem positivista da ciência era excessivamente reducionista, mecânica e unidimensional, ignorando a complexidade, a diversidade e a subjetividade dos fenômenos estudados. Além disso, a ciência positivista tendia a excluir ou marginalizar outras formas de conhecimento, como arte, religião e filosofia, que não se enquadravam em seus critérios de validação.

Outro aspecto questionável da ciência positivista era sua pretensão de neutralidade e objetividade, que ocultava implicações políticas, ideológicas e culturais de suas teorias e práticas. Na visão dos críticos, a ciência positivista não era uma atividade neutra ou desinteressada, mas sim uma forma de dominação e controle social, servindo aos interesses das elites dominantes em detrimento das necessidades e aspirações dos grupos subalternos.

Em resposta a essas críticas, alguns autores defenderam uma abordagem mais crítica e reflexiva da ciência, que reconhecesse suas limitações e contingências, bem como sua interação com o contexto social, político e histórico em que está inserida. Essa abordagem, conhecida como ciência crítica ou ciência contextual, busca superar as lacunas da ciência positivista, incorporando outras dimensões do conhecimento e levando em consideração as condições concretas em que a pesquisa é realizada.

A Ontopsicologia, então, é uma disciplina científica que busca estudar a integralidade do ser humano, em especial os seus aspectos ontológicos e psíquicos. Nesse sentido, a Ontopsicologia propõe uma visão mais ampla e integrada do ser humano, buscando entender sua natureza e seu funcionamento de forma mais abrangente. Na visão de Meneghetti (2022a, p. 93):

Emerge o problema das ciências humanas, por exemplo, a história. Nas ciências naturais existe um sujeito observador e um objeto separado de quem observa, o qual, porém, está ali, por isso pode utilizar o método sem problemas. Mas analisar um sujeito humano inserido em um contexto é mais difícil, porque o pesquisador está dentro da coletividade humana e vive as suas dinâmicas.

As ciências humanas, incluindo disciplinas como História, Sociologia, Psicologia e Antropologia, enfrentam desafios únicos ao aplicar métodos científicos rigorosos. Ao contrário das ciências naturais, onde a distância entre o observador e o objeto de estudo pode ser claramente delineada, nas ciências humanas, essa linha é muitas vezes turva.

O pesquisador das ciências humanas está, de fato, inserido na própria coletividade que estuda, vivendo e experimentando as mesmas dinâmicas que os sujeitos de sua pesquisa. Isso traz questões de subjetividade e viés que podem complicar a aplicação estrita do método científico. O que é verdadeiro e observável em um contexto cultural ou histórico pode não ser tão facilmente mensurável ou replicável quanto um fenômeno físico.

Porém, isso não desvaloriza as ciências humanas. Apesar desses desafios, elas oferecem insights valiosos e necessários sobre a experiência humana, a sociedade e a cultura. Elas complementam as ciências naturais e, juntas, ajudam a criar uma compreensão mais completa do mundo.

Além disso, os pesquisadores das ciências humanas têm desenvolvido e continuam a desenvolver métodos rigorosos e robustos para lidar com esses desafios, incluindo o uso de metodologias qualitativas, a triangulação de fontes e dados, e a reflexão crítica sobre a posição e o papel do pesquisador no processo de pesquisa. Portanto, embora as ciências humanas possam enfrentar problemas distintos das ciências naturais, elas também têm suas próprias estratégias e abordagens para lidar com esses problemas.

De acordo com a Ontopsicologia, a ciência positivista muitas vezes se limita a uma visão simplista e reducionista do ser humano, eventualmente hiperfocalizada no objeto e que desconsidera o aspecto subjetivo do cientista produtor de ciência. Por essa razão, a Ontopsicologia defende que, para compreender de forma mais completa o ser humano e suas relações com o mundo, é necessário levar em conta não apenas as causas e os efeitos dos fenômenos, mas também a exatidão da consciência que opera dentro do ser humano, ou seja, sua própria subjetividade e sua relação com o mundo interior.

Dessa forma, a Ontopsicologia propõe uma abordagem mais integrada do ser humano, buscando compreender suas múltiplas dimensões e potencialidades, e valorizando a autenticidade e a liberdade individual como elementos fundamentais para o desenvolvimento humano.

A ciência tradicional, que nos propõe a ver a sociedade e os sujeitos de uma forma autônoma e objetivista, corre o risco de se basear em uma visão distorcida do ser humano, desconsiderando sua natureza autêntica e complexa. A incorporação de perspectivas mais críticas e contextualizadas, como a Ontopsicologia, contribui para uma compreensão mais completa e enriquecedora do ser humano e de suas relações com o mundo, permitindo que a ciência vá além das limitações do positivismo e se torne mais inclusiva e abrangente.

## **2.2 DOXA SOCIETÁRIA**

Na formação de qualquer indivíduo, os sistemas – social, religioso, moral etc. – exercem grande papel e influência. Nesse contexto, pode-se falar em doxa societária. O termo é definido por Meneghetti como “a opinião ou lei social, o *formal societário*” (Meneghetti, 2010, p. 224) e se vale do conceito grego de doxa, um termo que era utilizado em oposição à episteme, ou seja, era entendido como “opinião” ou, no mínimo, como algo diferente do que seria a verdade e é utilizado por Meneghetti como um meio de demarcar uma diferenciação entre a informação de natureza do sujeito e os diversos modelos sociais. Ao nascer, por mais que exista um princípio de natureza saudável e positivo, o sujeito se forma mais a partir dos estereótipos da doxa societária do que da própria verdade de natureza: “a doxa social, então, se impõe, mas não é nem original nem prioritária sobre nenhum dos operadores; é uma introdução que praticamente insere uma necessidade de relação para clonar quem entrou em impacto” (Meneghetti, 2010, p. 225).

A vida em comunidade provoca transformações nos costumes e valores, perceptíveis através das influências sociais e históricas. A sociedade tem apresentado mudanças intensas e

expectativas materialistas, tornando difícil um envolvimento humano mais profundo. A atual estruturação social tem gerado mudanças nas relações sociais e familiares, resultando em uma perda do senso de responsabilidade nas relações interpessoais. A violência cotidiana e a deterioração de valores fundamentais têm gerado relações interpessoais questionáveis, difíceis de equilibrar com nossa natureza humana.

Os efeitos da doxa societária tendem a criar um Eu desconectado das características naturais que estruturam o ser humano. Conforme Meneghetti (2020, p. 23) afirma: "O ser humano é 'ensacado' pela prótese da doxa societária que o acolhe desde o primeiro momento do seu nascimento". A percepção das pessoas em relação à doxa societária pode variar bastante, dependendo de diversos fatores, como idade, gênero, religião, origem étnica, contexto cultural e social, entre outros. Algumas pessoas podem se identificar fortemente com os valores e crenças dominantes em sua sociedade, enquanto outras podem questioná-los e até mesmo rejeitá-los. Além disso, a percepção da doxa societária pode mudar ao longo do tempo, à medida que a pessoa amadurece e acumula novas experiências e aprendizados. Fundamentalmente, com todos esses aspectos, a doxa representa uma forte instância de autoconhecimento, porque o ser humano se conhece e se reconhece, enquanto consciência, já em base a ela: “no final, conhecemos como fonte de consciência ou moral, os ecossistemas externos, o mundo do superego, isso é, nos referimos a memes externos, que vão da escola ao que nossa mãe ensina” (Meneghetti, 2010, p. 224).

Em geral, é comum que as pessoas internalizem os valores e crenças dominantes em sua sociedade, muitas vezes sem questioná-los ou refletir sobre eles de forma crítica. Isso pode levar a uma espécie de conformismo social, em que as pessoas tendem a seguir as normas e padrões estabelecidos pela sociedade, sem considerar alternativas ou perspectivas diferentes. Por outro lado, há pessoas que se destacam por questionar e desafiar os valores e crenças dominantes, contribuindo frequentemente para mudanças sociais significativas. Para Meneghetti, (2020, p. 133):

[...] todos nasceram, são formados, plasmados e arruinados pela informação. “Informação” é um sinal que entra (in) e estrutura o sujeito, assinala-o, marca-o, lhe constitui um caráter, um modo, um estilo, uma convicção. Isto é, constrói-lhe uma prótese e coloca-lhe dentro. Formaliza um meme e o insemna, o metaboliza, o simbiotiza na ação da sua entidade. Essa prótese a chamamos “consciência”, “EU”. Enquanto se está no ventre da própria mãe se sente as emoções biológicas da vida mais ou menos exatas. Mas assim que está fora, o indivíduo é construído com as palavras, os sinas, as expressões, as cores, a dor, a aprovação.

O conceito de informação é essencial para a Ontopsicologia e, aqui, aparece como o ponto central por “moldar” o ser humano de acordo com a sua assimilação. Meneghetti (2021)

define a informação como sendo um “moldar um quântico energético, um momento-vida, segundo um desenho, ou modo, para um determinado escopo” (p. 145). A lógica de informação é a de dar forma, construir uma novidade – que de per si é neutra – no indivíduo. Não existe vida sem informação, todo ser humano é constantemente atravessado por uma rede informática, a distinção a ser feita é a seguinte: o que é informação do Em Si ôntico e o que é informação da doxa societária?

Nessa lógica, o sujeito é exposto à informação desde o nascimento. Desde o nível inconsciente até os estímulos mais superficiais, há uma base de construção do Eu do indivíduo, a formação de crenças e o “molde” que, em um movimento exógeno e, portanto, distinto daquele preferencial da vida, plasma o sujeito segundo uma lógica estranha a si mesmo.

A citação sugere que a construção da identidade e consciência é um processo simbiótico e intrinsecamente ligado à ação do indivíduo. A informação é metabolizada e assimilada, tornando-se parte integrante do ser. Nesse sentido, o Eu é resultado de um processo contínuo de troca entre o indivíduo e seu ambiente. Reforça a ideia de que o ser humano é moldado e transformado pela informação ao longo de sua vida.

A doxa societária diz respeito a tudo aquilo que é realidade externa e social, que se traduz como crença, como absolutização de valores, como normas compartilhadas e acolhidas. O ser humano é desde cedo inserido no contexto social e não pode evadir e, nesse sentido, a ideia de que o ser humano é “ensacado” pela prótese da doxa societária representa uma metáfora para o fato de que se está imerso em uma realidade que molda e condiciona.

Uma vez que se entra em campo social, pode-se recorrer às teorias sociológicas para compreender alguns aspectos dessa estrutura e como se dá o impacto e influência na construção individual. Pierre Bourdieu<sup>2</sup>, por exemplo, sugere que as disposições individuais são moldadas pela posição social e cultural do indivíduo na sociedade. Dessa forma, as práticas e valores considerados legítimos em uma determinada classe social ou grupo cultural são internalizados pelos indivíduos, influenciando sua percepção de mundo e suas ações.

A teoria crítica, representada por pensadores como Theodor Adorno<sup>3</sup> e Max Horkheimer<sup>4</sup>, enfatiza a dimensão ideológica do impacto social e cultural. Segundo essa abordagem, a cultura e a mídia são mecanismos que reproduzem e legitimam os valores dominantes da sociedade, criando um senso comum que reforça a dominação e a opressão.

---

<sup>2</sup> 1930 – 2002

<sup>3</sup> 1903 – 1969

<sup>4</sup> 1895 – 1973

Assim, a prótese da doxa societária é também uma ferramenta para manutenção da ordem social estabelecida, controlando os indivíduos e limitando suas possibilidades de transformação.

No entanto, também existem perspectivas mais otimistas sobre o papel da doxa societária na formação do Eu. Para o sociólogo Anthony Giddens, a modernidade é caracterizada pela reflexividade, ou seja, pela capacidade do indivíduo de questionar e reavaliar as tradições e valores transmitidos. Nesse sentido, a prótese da doxa societária serviria como ponto de partida para o desenvolvimento de uma identidade pessoal e crítica, capaz de transcender as limitações e contradições da sociedade. Aqui, é importante destacar que, na perspectiva ontopsicológica, a sociedade não funciona como “ponto de partida”, mas é o ambiente em que o sujeito pode ativamente se construir com base na informação do próprio Em Si ôntico.

A ideia da sociedade como "ideológica" ressalta o papel na estruturação do comportamento e pensamento interior do indivíduo. Isto é, a sociedade não apenas molda o comportamento externo do indivíduo, mas também sua maneira interna de pensar e sentir, geralmente através de um processo de socialização que transmite informações, crenças e normas. Segundo Meneghetti (2022a, p. 295):

[...] o projeto de natureza que constitui o ser humano – desde a infância, é revisto e corrigido pelas inserções e infiltrações monopolizadas pela sociedade ideológica do momento. Por sociedade “ideológica” entende-se uma sociedade capaz de estruturar o comportamento interior do sujeito através de uma informação.

Percebe-se, então, que há um projeto de natureza, nativo daquele indivíduo, que é depois corrigido – e aqui o termo não significa um “tornar correto”, mas simplesmente alterar – pela inserção da doxa societária. Por meio deste processo, a sociedade tem o poder de direcionar e sedimentar a percepção de mundo do indivíduo, suas crenças, valores e comportamentos. Este processo é contínuo e, muitas vezes, sutil, começando já na infância e acompanhando o sujeito durante toda a vida. Esse impacto é tão profundo que, em muitos casos, as pessoas internalizam as normas e valores da sociedade, vendo-os como parte integrante de sua própria identidade.

A análise desta citação também levanta questões importantes sobre a autonomia do indivíduo. Se a sociedade age deste modo e nesta intensidade sobre o indivíduo, até que ponto se é realmente livre para construir a própria vida conforme o exercício de uma livre escolha? Em que medida pensamentos, crenças e comportamentos são verdadeiramente próprios, e não simplesmente produtos da sociedade em que se vive?

Segundo a literatura, a influência da doxa societária não parece uniforme nem totalitária. O ser humano tem capacidade de autodeterminação, é um ser ativo, reflexivo e, portanto, pode se construir segundo a lógica do próprio Em Si ôntico. Nessa equação, é importante sempre

lembrar o seguinte: a doxa societária, fundamentalmente, diz respeito aos componentes sociais e culturais de onde se vive, entendidos de forma ampla. Apesar destes serem quase sempre dissonantes da lógica de natureza, a sociedade ainda é o espaço existencial em que o ser humano pode atuar a própria virtualidade e realizar seu projeto de natureza. Nesse sentido, não se trata de demonizar a sociedade, mas de compreender que a lógica da vida é diferente da lógica da sociedade e que é preciso aprender a transitar na sociedade em vantagem para si, mas tendo como critério e verdade a realidade introversa do Em Si ôntico. A doxa societária, nesse sentido, é um elemento constitutivo, mas não é determinante ou excludente. Cabe a cada ser humano, na sua singularidade, verificar o melhor modo de se mover na sociedade.

### 2.2.1 INSTITUIÇÕES

As instituições – e estas podem ser políticas, religiosas, educacionais, econômicas etc. – podem ser entendidas como a materialização da doxa em uma estrutura respeitada e validade. As instituições desenvolvem e fortalecem a doxa societária ao passo de que ditam as normas, as morais e funcionam como o superego que incide sobre todos. É importante notar que, dentro da pluralidade institucional, mesmo dentro de um mesmo “espectro” – por exemplo, as instituições políticas se distinguem em ideologias, assim como as religiosas, nas matrizes e crenças – a força institucional abarca todos: sempre haverá um ponto de identificação, por complexo, que fará o sujeito aderir à lógica institucional e adote um determinado discurso, uma determinada moral e um determinado modelo. Segundo Meneghetti (2022a, p. 260):

A sociedade - com os seus cárceres, as suas escolas, os seus hospitais, as suas instituições públicas faz-se de referência-base da matriz mãe. Ao invés de desenvolver a personalidade do cidadão, ela o mantém através de uma psicologia assistencial. Essa, quando quer educar e corrigir, em vez de desenvolver o sentido crítico de personalidade do indivíduo, adapta uma função de serviço e de assistência, de modo tal que o cidadão permaneça sempre igual.

As instituições são os braços da sociedade que moldam o indivíduo e plasmam um tipo de compromisso que é divergente da própria informação de natureza. Não há a promoção de um desenvolvimento genuíno, mas de uma adequação ao cânone social e de um estado de dependência psicológica. Não há a provocação à autonomia, mas o reforço de uma lógica assistencial que mantém o indivíduo cada vez mais vinculado à lógica da doxa.

A sociedade não é capaz, do ponto de vista estrutural, de proporcionar oportunidades de desenvolvimento ao indivíduo. Isso se deve, majoritariamente, à lógica sistêmica que se verifica na estrutura social: há uma tendência de reforço sistêmico que torna o sujeito cada vez mais dependente, uma engrenagem que deve permanecer anestesiado e cumprir o seu papel naquela

estrutura. Seriam necessárias instituições que, com inteligência, começassem a propor uma nova lógica, em que há a promoção das liberdades individuais e da autonomia para que o cidadão possa ser protagonista da própria vida e da vida social.

As instituições políticas, por exemplo, podem exercer um impacto expressivo na doxa societária, promovendo leis e políticas públicas que refletem os valores e crenças dominantes em uma sociedade específica. Isso pode ser observado em relação a temas como direitos civis, saúde pública, meio ambiente, entre outros. Quando as instituições políticas não representam adequadamente a diversidade de perspectivas e interesses da sociedade, pode ocorrer um descompasso, gerando insatisfação e desigualdades.

Já as instituições religiosas fornecem a orientação moral. Há uma ideia de orientação espiritual, mas essa seria uma tarefa elevada que, de fato, a religião não consegue alcançar. Sobre, então, a incidência no aspecto moral e nos ditames de certo e errado, em uma concepção que se fundamenta prioritariamente na ideia de pecado.

Ao olhar para a educação, é possível perceber que as instituições educacionais também dão o seu contributo à formação da doxa societária. Desde cedo o indivíduo é apresentado ao mundo, em uma perspectiva teórica, por meio do currículo, dos conteúdos, das versões e dos métodos praticados pelas instituições de ensino. Um incremento nessa área pode ser de grande valor na construção de um ambiente social que favoreça o desenvolvimento verdadeiro, a autonomia e o ganho de si mesmo. Contudo, o que comumente se vê é uma proposta educacional que reforça estereótipos, preconceitos e produz exclusão e desigualdade.

Em toda social, o aspecto econômico é prioritário e, desse modo, as instituições empresariais, econômicas e bancárias têm o seu papel na constituição da doxa societária. Quando não há, por parte das empresas, priorização da responsabilidade social e da criação de um ambiente em que se estimule a competição sadia, a produtividade e o desenvolvimento dos colaboradores, há desvio naquilo que deve ser o papel social da empresa.

Em uma perspectiva saudável, as instituições deveriam ser os pontos de interação entre indivíduos e entre grupos, os espaços de diálogo para a construção do bem comum. A partir do conceito de organísmico do social, é possível perceber como as relações sociais estão cada vez mais fragmentadas e dependentes de intermediários. Segundo Meneghetti (2019, p. 18):

As instituições do sistema podem ser mediadas com vantagem através do conceito de organísmico do social. Em um rigoroso exame de todo o confronto da sociedade atual, é evidente que em cada situação os interessados são obrigados a se comunicar entre si através de álibis externos. Verbalizamos uns com os outros em cada contexto através do “especialista”, anulando continuamente a si mesmos. O especialista, por sua vez, centraliza o seu trabalho e seu ganho, e manobra com indiferença, uma vez que ele jamais pagará pessoalmente.

Com essa fragmentação, o contato interpessoal, que é inalienável no processo de desenvolvimento humano, fica enfraquecido e diverso daquilo que deveria ser. É preciso o resgate de uma forma de comunicação e de contato direta, que fortaleça laços sociais e promova a cooperação. O que se vê é o fortalecimento dos diversos “especialistas” que se interpõem e tornam o contato menos transparente, mais burocrático e dificultoso em termos de solução e tomada de decisão. Além disso, por posição, essas figuras não têm o interesse genuíno em solucionar problemas, afinal estão em uma cômoda posição centralizada – e centralizadora – e, muitas vezes, não se responsabilizam.

Nesse contexto, é crucial repensar a maneira como as relações sociais são estruturadas e como os indivíduos se comunicam e interagem. A busca por formas mais diretas e pessoais de comunicação pode ajudar a reduzir a dependência de intermediários e promover maior transparência e colaboração. Isso pode ser alcançado por meio de iniciativas que valorizem o diálogo e a participação ativa dos cidadãos nas decisões que os afetam, bem como pela promoção de uma maior consciência sobre a importância de relações interpessoais saudáveis e inclusivas. É importante abordar o papel e a responsabilidade dos especialistas na sociedade, garantindo que atuem de forma ética e cientes das consequências de suas ações. A promoção de um senso de responsabilidade compartilhada e a adoção de práticas mais colaborativas e inclusivas podem contribuir para uma sociedade mais equilibrada, onde os indivíduos sejam capazes de se expressar e participar diretamente das decisões que afetam suas vidas.

As instituições desempenham um papel fundamental na formação e perpetuação da doxa societária. Quando conseguem representar adequadamente a diversidade de perspectivas e interesses presentes na sociedade, contribuem para a construção de valores e crenças mais inclusivos. Por outro lado, quando as instituições são pouco representativas e reproduzem valores e crenças excludentes, podem gerar desigualdades e conflitos sociais.

### **2.2.2 VIDA EM COMUNIDADE**

A experiência de viver em comunidade é fundamental e não pode ser evadida: desde a Grécia Antiga, Aristóteles já posiciona o ser humano como um *zoo politikon*, um “animal político”, que, naquele contexto, como retomava a condição humana nas pólis, indicava que o ser humano é um “animal social”. Desta premissa e do quanto já foi abordado no presente trabalho, chega-se a seguinte conclusão: o ser humano deve viver em sociedade e, portanto, deve aprender a conviver com a doxa societária. Como destaca Shirky (2012, p. 12):

Os seres humanos são criaturas sociais – não de vez em quando ou por acidente, mas sempre. A sociabilidade é uma de nossas capacidades fundamentais e revela-se tanto

como causa quanto como efeito em quase todos os aspectos de nossas vidas. A sociedade não é apenas o produto de seus membros individuais; é também o produto dos grupos que a constituem. A combinação das relações entre indivíduos e grupos, entre indivíduos dentro de grupos e entre grupos forma uma rede de assombrosa complexidade. Sempre dependemos de esforço grupal para a sobrevivência; mesmo antes da invenção da agricultura, a caça e a coleta exigiam esforço coordenado e divisão do trabalho.

Shirky destaca a essência social inerente aos seres humanos, ressaltando que a sociabilidade é uma característica fundamental e constante na vida. Ele enfatiza que a sociedade surge tanto dos indivíduos quanto dos grupos que a compõem, e que sua complexidade reside nas diversas interações entre esses elementos. A intrincada rede de conexões abrange tanto as interações entre indivíduos e grupos quanto entre os próprios membros dos grupos, resultando em uma dinâmica social de extraordinária complexidade. A cooperação e o esforço coletivo têm sido cruciais ao longo da história, mesmo em tempos pré-agrícolas, quando atividades como caça e coleta exigiam coordenação, comunicação e divisão de tarefas entre os membros do grupo.

Essa citação reforça a ideia de que os seres humanos são, inerentemente, seres sociais, e que essa característica permeia todos os aspectos, formando a existência e o modo de interação, tanto com as outras pessoas quanto com o mundo. A complexidade das relações sociais reflete a profundidade das conexões entre indivíduos e grupos, destacando a importância de compreender e valorizar a dimensão social da natureza humana.

Nesse contexto, a vida em comunidade é marcada pela interdependência entre indivíduos e grupos, e é essa interação que dá origem às complexas redes de relações sociais. A sociabilidade humana, como característica fundamental, permeia a existência e influencia o desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Dentro das comunidades, as pessoas aprendem a cooperar, compartilhar recursos e conhecimentos, e a se adaptar às normas e regras estabelecidas pelos grupos a que pertencem. Essas práticas sociais são moldadas pela doxa societária, desempenhando um papel crucial na construção da identidade individual e coletiva, além de contribuir para a formação das visões de mundo e sistemas de crenças de cada indivíduo.

A vida em comunidade também favorece o surgimento de laços afetivos e solidariedade, que fortalecem as relações interpessoais. Além disso, as trocas culturais e a diversidade de perspectivas enriquecem a experiência de viver em comunidade, permitindo que os indivíduos expandam seus horizontes e desenvolvam habilidades para lidar com diversas situações e desafios.

As relações sociais dentro de uma comunidade podem assumir diferentes formas, e cada uma delas é influenciada pela doxa societária. A amizade, por exemplo, é um vínculo afetivo estabelecido entre pessoas que compartilham valores e interesses. A relação de vizinhança, por sua vez, envolve pessoas que vivem próximas umas das outras, frequentemente com valores e interesses distintos. A relação de trabalho surge entre pessoas que colaboram em uma mesma atividade profissional, podendo apresentar valores e interesses divergentes.

Em todas essas relações, a doxa societária desempenha um papel significativo na maneira como as pessoas se relacionam e se comportam. A influência da doxa societária pode ser observada nas expectativas em relação ao comportamento socialmente aceitável, nos papéis individuais na comunidade, bem como nas responsabilidades e obrigações de cada pessoa. Além disso, ela afeta a forma como as pessoas resolvem conflitos, adotam estratégias de negociação e praticam a cooperação e solidariedade.

A doxa societária desempenha um papel fundamental na definição das normas e padrões sociais que guiam a vida em comunidade. Ela estabelece o que é considerado certo e errado, permitido e proibido, valorizado e desvalorizado. Essas normas são internalizadas pelos indivíduos à medida que se socializam. Portanto, a vida em comunidade é permeada por esses valores e crenças, que moldam as relações entre indivíduos e grupos, além de influenciar expectativas, comportamentos e atitudes. É importante notar que, uma vez que se vive em comunidade, há a necessidade de organização. Essa organização normalmente é feita a partir de uma estrutura, que, muitas vezes de forma rígida e hierarquizada, define as regras e os modos, que depois devem ser assimilados pelos que vivem sob aquela estrutura.

### **2.2.3 ESTRUTURA SOCIAL**

A estrutura social é composta por um conjunto de instituições, relações e normas que organizam e regulam a vida em sociedade. Essa lógica estrutural abarca tanto as instâncias oficiais de poder, como o Estado, até as “instituições” que detém poder na prática e de fato, como a família, as empresas, grupos religiosos e culturais, partidos políticos. É uma estrutura muitas vezes difusa que, de forma impactante, molda a formação do indivíduo e plasma uma série de aspectos da sua constituição. De acordo com Giddens (2001, p. 691):

Estrutura social - Padrões de interação entre indivíduos ou grupos. A vida social não acontece de modo imprevisto. A maior parte das nossas atividades são estruturadas: estão organizadas de uma forma regular e repetitiva. Embora a comparação possa ser duvidosa, é necessário pensar a estrutura social de uma sociedade como algo comparável aos alicerces que sustentam e mantêm um edifício.

Pode-se notar que a vida em sociedade não é uma aleatoriedade caótica, mas sim um processo organizado e padronizado. As estruturas sociais determinam como indivíduos e grupos se relacionam uns com os outros, criando um conjunto de normas e expectativas que influenciam o comportamento das pessoas. Nesse sentido, a estrutura social funciona como alicerces que sustentam um edifício, estabelecendo as bases para a vida em sociedade.

Para compreender a relação entre a doxa societária e a formação do Eu, essa citação é relevante, pois a estrutura social desempenha um papel central na formação da doxa societária. Ela é resultado da interação entre as diferentes instituições e relações sociais que compõem a estrutura social, e essa interação molda as percepções e comportamentos dos indivíduos. Nesse sentido, não se pode pensar a formação do Eu sem passar pela doxa societária e pela estruturação da sociedade. A estrutura social, ao fornecer um conjunto de normas e expectativas, influencia a forma como as pessoas se veem e se relacionam. A doxa societária, por sua vez, atua na formação do Eu ao estabelecer valores e crenças que os indivíduos internalizam e utilizam como base para compreender e interpretar suas experiências.

É indispensável entender a estrutura social do contexto para compreender os impactos que a doxa societária causa na formação individual. Reconhecer o papel dessa estrutura na vida das pessoas é imperativo para compreender os processos individuais de cada um. A família, a escola, a igreja e o Estado, por exemplo, atuam como agentes de socialização, transmitindo valores e crenças considerados relevantes na sociedade em questão, cada um com sua própria ênfase e propósito.

Ao falar de família, é necessário lembrar o conceito de adulto-mãe e, junto a ele, outro conceito relevante para o tema: a díade. Meneghetti (2021, p. 81) define a díade como uma “simbiose com dependência hierárquica entre dois ou mais indivíduos [...]. *Movimento a dois, no qual um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente*”. A díade é uma realidade da vida, mas é preciso compreender o tipo da díade e se esta é funcional ou não para o sujeito. A criança, pela sua condição de dependência, forma uma díade muito cedo com o adulto-mãe: este é o primeiro espaço de ocorrência da doxa societária. Segundo Meneghetti (2010, p. 239): “A sociedade faz a mãe e a mãe faz a sociedade: do útero materno entramos no útero societário e todas as escolhas e relações são sempre baseadas em uma coação a repetir a mesma matriz”. A criança, na sua natureza pura, é resposta à diretividade do Em Si ôntico; uma vez que entra na díade com o adulto-mãe, começa a ser plasmada segundo uma outra lógica, que corresponde aos valores e normas internalizados e reproduzidos naquele contexto. Começa, então, o impacto da doxa societária no indivíduo.

A escola, por sua vez, desempenha um papel fundamental na socialização das crianças e jovens, expandindo seus horizontes e apresentando diferentes perspectivas. A escola seria o primeiro espaço mais amplo, em que a criança pode relativizar alguns absolutos aprendidos. A escola pode valorizar a disciplina, a competição e o conhecimento científico, além de estimular a formação de habilidades sociais, a capacidade de trabalhar em equipe e a construção de relações interpessoais saudáveis. A escola também desempenha um papel importante na promoção da diversidade e na disseminação de valores democráticos.

A igreja e outras instituições religiosas também contribuem para a formação da doxa societária, transmitindo princípios éticos e morais fundamentados em tradições e crenças religiosas. Essas instituições podem proporcionar um senso de pertencimento e oferecer orientação espiritual e moral, além de promover ações sociais e filantrópicas que beneficiem a comunidade.

O Estado, por fim, exerce um papel regulador e normativo na sociedade, estabelecendo leis, políticas e ações que refletem e reforçam os valores e crenças dominantes. O Estado pode influenciar a doxa societária por meio de políticas públicas em áreas como educação, saúde, trabalho e segurança, moldando assim o contexto social e econômico em que as pessoas vivem. Além disso, em uma visão mais ampla de Estado, pode-se destacar a sua função legislativa como um meio direto de definição de “certo” e “errado”, se valendo inclusive do poder coercitivo para forçar todo e qualquer cidadão a assimilar aquilo que está escrito no ordenamento jurídico.

Dessa forma, a estrutura social define as crenças e valores tidos como "certos" ou "errados", "bons" ou "maus" em uma sociedade específica, através da interação e influência mútua entre essas instituições. Cada uma delas desempenha um papel único na formação da doxa societária, e juntas elas contribuem para a construção de um sistema de valores que orienta a conduta e as percepções dos indivíduos naquela sociedade.

As implicações da doxa societária na vida das pessoas podem ser significativas e variadas. Por um lado, pode proporcionar um senso de identidade e pertencimento, unindo os indivíduos em torno de valores e crenças comuns e objetivos coletivos. Por outro, pode limitar a liberdade de pensamento e a expressão individual, resultando em exclusão social e conflitos internos. Ademais, determinados grupos sociais, como minorias étnicas, religiosas, de gênero e orientação sexual, podem sofrer opressão por conta da estrutura social dominante, que os marginaliza e exclui.

### 2.3 NATUREZA DO SER HUMANO

A discussão sobre a natureza do ser humano tem sido objeto de reflexão em diversas áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, entre outras. A partir de diferentes perspectivas teóricas, tem-se buscado compreender a estrutura e as características fundamentais que definem o ser humano como tal.

Uma das abordagens mais influentes na discussão da natureza humana é a filosófica, que, desde a antiguidade, tem se ocupado em definir o que é o homem. Para Aristóteles, por exemplo, o ser humano é um animal racional, dotado de capacidades intelectuais e morais que o distinguem dos outros seres vivos. Já para Descartes, o ser humano é uma substância pensante, dotada de consciência e livre-arbítrio.

Na Sociologia e na Antropologia, a análise da natureza humana tem se voltado para as dimensões sociais e culturais que definem as formas de vida e as identidades coletivas dos seres humanos. Dentre as abordagens mais influentes nesse campo, destaca-se o construtivismo social, que enfatiza a dimensão histórica e contingente da cultura, e o estruturalismo, que busca identificar as estruturas e os sistemas simbólicos que orientam o comportamento humano.

Para a Psicologia, a análise da natureza humana tem sido orientada por diferentes correntes teóricas. O behaviorismo, por exemplo, enfatiza a influência do ambiente e das contingências sobre o comportamento humano, enquanto as abordagens humanistas destacam a importância da autorrealização e da autenticidade como elementos essenciais para o bem-estar dos indivíduos.

A Ontopsicologia tem na descoberta da natureza humana o seu grande movente de pesquisa. A partir das descobertas, esta ciência propõe que o ser humano é, por natureza, dotado de um projeto vencedor, virtual, que deve ser realizado historicamente. Esse processo envolve a identificação da própria identidade; e o escolher sempre em conformidade ao próprio princípio vital, escolhendo aquilo que é idêntico, útil e funcional a si mesmo. Nesse contexto, o Eu deve se construir em conformidade ao Em Si ôntico para ser um confiável artífice das projeções desse princípio. Desse modo, há o desenvolvimento autêntico, conforme e coerente. Segundo Meneghetti (2022a, p. 240):

A Ontopsicologia descobriu o critério de como a natureza funciona dentro do homem. Através das 15 características, é possível distinguir o Em Si ôntico de um complexo, de uma doença, de uma distorção etc. De fato, qualquer doença, complexo ou distorção, aparentemente pode apresentar uma ou duas de tais características, mas nenhuma pode mostrar de modo unitário a identidade, o utilitarismo e a funcionalidade. Identidade: do latim *id quod est ens*, significa "aquilo que o ser é aqui, assim e agora", "exatamente aquilo que é". É a eccidade e a característica deste. O Em Si ôntico é a identidade de natureza do ser humano. Essa identidade, esse projeto original age, tem uma semovência por meio de duas modalidades. O "uno" se explicita no "dois", em dois modos: 1) escolhe aquele útil (no sentido total do termo) que 2) faz

funcionalidade, incremento, saúde, globalidade, integralidade à identidade. Portanto, é uma semovência autônoma que age selecionando tudo o que é útil e funcional à própria identidade do projeto, assim como uma árvore se desenvolve a partir do terreno onde aconteceu.

O ponto central de compreensão da natureza humana é o Em Si ôntico, ele é o critério de realidade e de tomada de decisão do sujeito. Ele pode ser evidenciado a partir de 15 fenomenologias inerentes a ele e, por meio destas, é possível individual-lo e distingui-lo de outras estruturas operantes no interior do ser humano, como o monitor de deflexão. Embora esses estados possam apresentar algumas das características, nenhum deles consegue demonstrar de modo unitário a identidade, o utilitarismo e a funcionalidade que definem o Em Si ôntico.

Nessa concepção, a formação de um Eu autêntico está intimamente ligada à autenticidade e à capacidade de selecionar e agir em conformidade com a própria identidade intrínseca. Assim como uma árvore se desenvolve a partir do terreno onde está inserida, o Em Si ôntico também se desenvolve a partir de suas características essenciais, que devem ser cultivadas.

Essa abordagem da Ontopsicologia destaca a importância de conhecer e valorizar a identidade única e exclusiva de cada indivíduo, promovendo o conhecimento de si como caminho para o desenvolvimento pessoal e o estabelecimento de relações mais autênticas e significativas. Ao compreender como a natureza funciona dentro do ser humano, a Ontopsicologia oferece uma visão enriquecedora sobre a formação do Eu e incentiva o indivíduo a buscar a plenitude e o bem-estar através da conexão com sua dimensão mais profunda.

Uma vez compreendida a natureza humana, urge tratar de um outro tema importante para a discussão proposta no presente trabalho: a compreensão do Eu, como ele nasce, como se forma e como se relaciona com a doxa societária.

### **2.3.1 O NASCIMENTO DO EU**

Segundo Meneghetti (2010), a finalidade da Ontopsicologia é a de fazer com que o Eu seja coerente com a lógica do Em Si ôntico para que, desse modo, o sujeito possa alcançar realização. O Eu é visto como um fenômeno complexo que se constrói a partir das experiências e vivências do indivíduo ao longo de sua vida. A escola ontopsicológica entende que o Eu é o resultado da formação metafísica e histórica vivida pelo ser humano. Isso significa que as vivências, emoções, pensamentos, ações e relações sociais que o indivíduo experimenta ao

longo de sua vida têm um impacto profundo na construção do Eu. Segundo Meneghetti (2003, p. 98):

O nascimento do Eu devém por meio de contínua metabolização: a fase da interiorização dos objetos implica a necessidade de investir-se. Psicologicamente, tudo isso tem um significado bem preciso, determina um modo de comportar-se: depois de ter feito algo, não se deve permanecer nele, deve-se fazer outro ainda e, em tal caso, dá-se o desenvolvimento. O nascimento do Eu faz-se por meio de autodesenvolvimento, o qual acontece justamente no transcender cada objetivação. Isso é *autóctise in progress*.

O nascimento do Eu como um processo dinâmico e contínuo, no qual a metabolização das experiências é fundamental. A assimilação daquilo que se vive no ambiente implica em um investimento pessoal e, por meio disto, o sujeito pode se desenvolver.

Do ponto de vista psicológico, essa dinâmica possui um significado específico e determina um comportamento adaptativo: após a realização de uma ação ou objetivo, o indivíduo deve seguir adiante e buscar novas experiências, ao invés de permanecer na mesma situação. Esse processo de avançar e enfrentar novos desafios promove o desenvolvimento pessoal e a formação do Eu.

O nascimento do Eu ocorre, então, por meio do autodesenvolvimento, que se dá ao transcender cada objetivação e experiência vivida. A expressão "*autóctise in progress*" destaca a natureza contínua e evolutiva desse processo: o Eu nasce constantemente porque constantemente a uma novidade de vida que surge, então é necessário um novo Eu – por isso o “nascimento” – capaz de dar corpo história à novidade que se apela.. Conforme Meneghetti (2010, p. 257):

O nascimento do Eu determina-se como reflexão do instinto de posse no exercício do ato que torna intrínsecos sujeito e objeto. É um processo numênico que se gera pela fenomenologia de sujeito e objeto. O Eu é a posse reflexa da natureza intrínseca e numênica das coisas e das suas condições causais. É uma dinâmica que supera a esfera dos observáveis e faz-se coincidência, seja das regiões centrais do sujeito, seja da centralidade da ação. O ato consciente é intimidade de ação mundana. O instinto de posse primitivo amplia-se como Eu do mundo.

O nascimento do Eu é um fenômeno numênico que vai além da experiência sensorial, originando-se da interação entre sujeito e objeto. Esse processo é impulsionado pelo instinto de posse, que estabelece uma relação reflexiva entre sujeito e objeto. O Eu, assim, simboliza a apropriação da natureza intrínseca e numênica das coisas e suas condições causais.

Esta dinâmica transcende o observável, abrangendo as regiões centrais do sujeito e a centralidade da ação. O ato consciente, nesse cenário, é marcado pela intimidade entre a ação no mundo e a percepção individual do ambiente. A expansão do instinto de posse primitivo dá origem ao Eu do mundo, que reflete a interação do indivíduo com seu entorno e a busca pelo

entendimento das causas e condições intrínsecas das coisas ao seu redor. Nas palavras de Meneghetti (2003, p. 98):

O Eu é um precipitado do social ambiental: depois dessa fase, determina-se a consciência. A consciência se depara mais por processo social que por um processo orgânico. O Eu é princípio de realidade de toda autoconservação do organismo. A função do Eu, substancialmente, é a defesa em função da distinção real na qual ele é posto.

O Eu, de acordo com a teoria psicológica, é moldado pela influência social e ambiental na qual a pessoa está inserida. Essa influência começa desde a fase embrionária e segue durante toda a vida, moldando a identidade individual. A consciência, por sua vez, é mais resultado de um processo social do que orgânico, ou seja, a consciência é formada pelas experiências e interações sociais que a pessoa vivencia ao longo da vida.

O Eu, tem como principal função a autoconservação do organismo. Ele age como um princípio de realidade, permitindo que a pessoa faça uma distinção entre si mesma e o ambiente ao redor. Além disso, o Eu é responsável por processos de defesa, como proteger a pessoa de situações que possam colocar sua integridade física e psicológica em risco.

Para a Ontopsicologia, o nascimento do Eu é um processo em constante construção, que se desenvolve a partir da interação do indivíduo com o meio ambiente, com as experiências que ele vive ao longo da vida e com seu projeto de natureza. A compreensão desse processo se dá também na medida em que o sujeito tem habilidade de ser um mediador entre a realidade organísmica<sup>5</sup> e a realidade externa. O orgânico humano segue as leis da natureza que, normalmente, são distintas das regras sociais, então é necessário partir da própria base organísmica para depois se posicionar socialmente.

A Ontopsicologia destaca a importância do ambiente em que o indivíduo nasce e cresce para a formação do Eu. As primeiras relações sociais, como aquelas com os pais e familiares, são fundamentais para a construção da identidade e personalidade do indivíduo. Além disso, a cultura e a sociedade em que o indivíduo está inserido também exercem uma forte influência na formação do Eu.

De acordo com a Ontopsicologia, o nascimento do Eu está intrinsecamente ligado à interação do indivíduo com o ambiente e as experiências que ele acumula ao longo da vida. A biologia, a psicologia, a cultura e a sociedade são fatores que influenciam a construção do Eu. A aplicação do Método Ontopsicológico pode auxiliar o indivíduo a desenvolver sua consciência crítica e a alcançar uma vida plena.

---

<sup>5</sup> O termo organísmico é entendido em Ontopsicologia como a “presença do Em Si ôntico no orgânico humano” ou o “conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação” (Meneghetti, 2021, p. 206)

A formação do Eu pode ser influenciada por crenças e valores dominantes em uma determinada sociedade, o que pode levar a conflitos internos e sofrimento psicológico quando esses valores entram em conflito com os valores pessoais. Nesse sentido, é fundamental que a pessoa promova uma reflexão crítica sobre a influência social na formação do Eu, de forma a construir uma identidade mais autêntica e saudável, que leve em consideração tanto os valores pessoais quanto os valores sociais.

### **2.3.2 FORMAÇÃO DO EU**

Desde o instante em que damos nosso primeiro choro no mundo, o processo de formação da nossa identidade se inicia, sendo moldado e influenciado pelo ambiente que nos cerca. As interações iniciais, sobretudo com pais, cuidadores e outros familiares, estabelecem os alicerces sobre os quais nossa autoimagem e autoestima são construídas. Elas são mais do que simples interações; são as pinceladas primárias na tela em branco da nossa personalidade, definindo nossas primeiras experiências emocionais e sociais.

A contribuição da educação e da cultura na formação do Eu não pode ser subestimada. O conhecimento que adquirimos, as tradições culturais que absorvemos e o contexto social em que crescemos influenciam profundamente nossas crenças, valores e, em última instância, nossa visão de mundo. Assim, nossa identidade não é apenas um produto de nossas experiências pessoais, mas também um reflexo do mundo cultural e social em que estamos inseridos.

Conforme nos desenvolvemos e amadurecemos, nossas experiências se tornam mais diversificadas. Cada escolha, cada relação estabelecida, cada obstáculo superado ou mesmo cada falha contribui para a formação complexa que é nossa identidade. Estas experiências não só refinam nosso Eu, mas também adicionam novas dimensões e profundidades a ele.

Hoje, no entanto, a formação do Eu não se limita apenas ao mundo tangível. A ascensão da era digital e das redes sociais introduziu uma nova dinâmica no processo. Estas plataformas tornaram-se espelhos ampliados de nossa identidade, refletindo não apenas quem somos, mas também quem aspiramos ser. Em muitos casos, o Eu apresentado nas redes sociais pode ser uma versão idealizada, filtrada através das lentes da aceitação social e da busca de validação.

Segundo a visão ontopsicológica, Meneghetti (2010) indica três instâncias de determinação do Eu: o tecido orgânico ou código genético; o imediatismo de interação corpo-ambiente; e a incidência diretiva organizada do social.

A primeira instância diz respeito ao aspecto orgânico, de seleção e relação segundo uma lei que lhe é própria. Envolve também os aspectos de formação genéticos. A segunda instância se volta para a relação entre sujeito e ambiente: “o organismo coloca-se em relação com o

ambiente e o ambiente, por sua vez, é interagente; a partir do momento em que interage, diferencia o organismo” (Meneghetti, 2010, p. 255). Há uma parte da formação do Eu que se dá pelo aspecto ambiental: se vive em um local quente ou frio, com determinado tipo de cultura, se a família estimula de uma maneira ou de outra.

Ao falar sobre incidência diretiva organizada do social, se retoma o ponto central do presente trabalho: fala-se da incidência de uma estrutura mais organizada (a sociedade, em suas múltiplas facetas) sobre uma menos organizada (a criança, o indivíduo). “O Eu é um precipitado do social ambiental; depois dessa fase, determina-se a consciência. A consciência acontece mais por um processo social que orgânico” (Meneghetti, 2010, p. 256). A formação do Eu acontece segundo o interesse social, não segundo a vantagem individual do sujeito. Em um primeiro momento, essa lógica ocorre na família, o primeiro ambiente social da criança: “*O Eu sofre a vetorialidade segundo o tipo de organização mental que já preexiste na família em que a criança cresce*” (Meneghetti, 2010, p. 256).

A Ontopsicologia propõe uma visão que vai além das tradicionais perspectivas. Esta abordagem reconhece que a constituição do Eu é formada a partir de múltiplas fontes: nossas experiências pessoais, nossos valores intrínsecos, crenças profundamente arraigadas, motivações que nos impulsionam e as potencialidades que buscamos explorar. Além disso, vivemos novos desafios com nossa presença e atuação no mundo digital. O Eu, portanto, não é mais apenas o produto de interações físicas e experiências tangíveis; ele também é moldado e refletido nas vastas paisagens virtuais das redes sociais e plataformas online. “O Eu lógico-histórico formaliza-se por introjeção e metabolização do externo social” (Meneghetti, 2010, p. 223).

Meneghetti (2020) enfatiza a essencialidade da introspecção nesse cenário. Para compreender verdadeiramente a si mesmo em sua totalidade, é necessário um mergulho profundo em nossa psique, explorando e analisando cada aspecto que contribui para nossa identidade. No entanto, esta jornada introspectiva não é apenas uma busca por compreensão, mas também uma missão para desafiar e desconstruir. Segundo o autor (2020, p. 113):

Em tudo isso, é preciso mudar a consciência: o grande defeito de todo indivíduo é que dentro tem uma prótese, que é um meme que pretende compreender, colher o sujeito. A consciência é uma lata (um pouco pior que aquela de Coca-Cola), portanto, é preciso eliminar os estereótipos, os “pregos”: no homem que foi “pregado” essa lata dentro, por isso é – por exemplo – Joãozinho, filho daquela pessoa, que fala essa língua, tem esse dinheiro, possui essa casa etc.

É preciso revisitar e transformar sua consciência. Meneghetti compara a mente de um indivíduo a uma “lata”, sugerindo que muitos de nós temos uma consciência limitada e confinada. Dentro dessa “lata”, existem “próteses” ou ideias pré-concebidas que são impostas à

pessoa. Do ponto de vista da formação do Eu, são essas ideias prévias que se impõem ao que é nativo do sujeito: “o Eu lógico-histórico, que é formado pelas estruturas meméticas do social, no final é uniformizado à lógica externa (a como é a família, a religião, o Estado, as leis, o grupo de referência social) (Meneghetti, 2010, p. 223). Essas estruturas são como "pregos" que fixam o Eu, reduzindo-o a um conjunto de estereótipos – por exemplo, ser identificado simplesmente por nome, origem familiar, linguagem, riqueza ou propriedades. Ele enfatiza a necessidade de romper com esses conceitos limitantes para alcançar uma compreensão mais profunda e autêntica de nós mesmos.

A sociedade, com seus padrões pré-concebidos e frequentemente rígidos, impõe moldes e estereótipos que podem afastar o sujeito do próprio projeto de natureza e plasmá-lo segundo a lógica da doxa societária. E, em um mundo cada vez mais dominado pelo digital, esses moldes são amplificados e perpetuados com uma velocidade e abrangência sem precedentes: “o eu lógico-histórico, formado pela doxa social, deve dar prioridade hierárquica à doxa social” (Meneghetti, 2010, p. 224). É preciso reconduzir o Eu à verdade do Em Si ôntico, pois com isso ele será capaz, inclusive, de transitar na sociedade de maneira funcional, construindo o próprio projeto sem fazer guerras ou revoluções, mas movendo-se sempre segundo a lógica de natureza.

O desafio proposto pela Ontopsicologia é profundo: ir além das influências superficiais e encontrar a autenticidade, reconhecendo, momento a momento, a diretividade do Em Si ôntico. Isso sugere uma jornada interna que busca a radicalidade do ser, alinhada com um propósito e natureza inatos. Em um mundo repleto de ruídos e distrações, a verdadeira formação do Eu exige não apenas autoconsciência, mas também coragem para viver autenticamente.

### **2.3.3 INFLUÊNCIA SOCIAL NA FORMAÇÃO DO EU**

No cenário global atual, a capacidade de conectar-se e comunicar-se superou barreiras anteriores, tornando-se uma força onipresente em nossas vidas. Esse dinamismo, estudado em áreas tão diversas quanto Sociologia, Psicologia e Comunicação, reconfigurou nossa compreensão da influência social e de como ela molda nosso ser.

Essa nova era de hiper conectividade apresenta oportunidades e dilemas. A democratização da informação proporcionou um intercâmbio cultural e de ideias sem precedentes, possibilitando que indivíduos de diferentes partes do mundo compartilhem experiências e perspectivas. Esta troca, em sua melhor forma, permite a formação de comunidades globais em torno de causas e interesses comuns. No entanto, a mesma plataforma que permite essa troca fluida de ideias também pode ser um terreno fértil para a propagação de desinformação, polarização e a perpetuação de estereótipos prejudiciais.

Dentro dessa realidade, o discernimento torna-se não apenas valioso, mas essencial. Reconhecer a veracidade e o valor de uma informação não só protege contra a desinformação, mas também garante que o indivíduo permaneça centrado em meio a uma avalanche de estímulos externos.

Segundo Meneghetti (2020, p. 133), a influência do meio social começa a atuar desde os momentos mais tenros de nossa existência. Elementos como a cultura em que estamos imersos, os sistemas educacionais que frequentamos, as crenças religiosas que encontramos, as mensagens que a mídia nos transmite e a qualidade de nossas relações sociais convergem para moldar nossa identidade. A interseção desses fatores não só esculpe nosso entendimento do mundo, mas também desempenha um papel integral na formação de nossa consciência e individualidade. Meneghetti (2022a, p. 285) destaca:

Nesse contexto insere-se com prioridade a função da consultoria de autenticação. O Ontopsicólogo é aquele que sabe reencontrar o Eu a priori do sujeito para além da reflexão fictícia. Ele segue o campo semântico do cliente e, lendo logicamente o verbalizado do Em Si desse, individua a ação ótima para ele ou ação especificada.

A citação destaca a função da consultoria de autenticação, realizada pelo ontopsicólogo, que ganha ainda mais relevância à luz do contexto social e da influência discutida anteriormente. Em um mundo onde somos constantemente moldados por influências sociais, culturais e midiáticas, a busca pela autenticidade torna-se uma necessidade essencial. Nesse sentido, o ontopsicólogo desempenha um papel crítico ao ajudar os indivíduos a se reconectarem com seu "Eu a priori," que muitas vezes fica obscurecido por reflexões fictícias e influências externas.

Seguindo o campo semântico do cliente e interpretando logicamente o que é verbalizado em relação ao Em Si do indivíduo, o ontopsicólogo é capaz de identificar a ação ótima ou especificada para o cliente. Isso significa que ele auxilia o indivíduo a encontrar um caminho que seja autêntico e alinhado com sua verdadeira essência, mesmo em meio a influências externas poderosas. A habilidade de discernimento e orientação oferecida pelo ontopsicólogo é particularmente valiosa em uma época em que a busca pela autenticidade e a diferenciação de influências prejudiciais são desafios significativos.

Dessa forma, a função da consultoria de autenticação não apenas protege contra a conformidade cega às influências sociais, mas também capacita o indivíduo a agir de maneira significativa e alinhada com seu próprio eu interior. Isso não apenas enriquece a jornada de autodescoberta do indivíduo, mas também contribui para um senso mais profundo de propósito e significado em um mundo complexo e interconectado. A consultoria de autenticação

desempenha um papel essencial na promoção da autenticidade em um contexto social cada vez mais influente, ajudando as pessoas a se manterem fiéis a si mesmas.

Além de uma consciência individual, é vital considerar a natureza coletiva da influência social. Estamos interligados em uma teia complexa de interações que vão desde as mais íntimas, com a família, até as mais amplas, com comunidades e instituições globais. Entender o impacto e o papel dessas influências, bem como desenvolver mecanismos para navegar por elas, é a chave para um crescimento equilibrado.

Ao se engajar nesse processo de autoconhecimento e reflexão, é preciso incentivar a promoção do diálogo genuíno e da empatia em nossas interações. Isso não só enriquece nossa visão de mundo, mas também nos capacita a enfrentar desafios e complexidades com uma perspectiva mais informada e compassiva. Em resumo, uma análise aprofundada da influência social em nosso desenvolvimento nos prepara para uma vida alinhada com um senso autêntico de propósito e significado.

#### **2.3.4 INFLUÊNCIA HISTÓRICA NA FORMAÇÃO DO EU**

A influência histórica desempenha um papel fundamental na formação do Eu, uma vez que a identidade individual é moldada por uma complexa interação entre experiências passadas, contextos culturais e eventos históricos. A história fornece um cenário rico de influências que afetam a maneira como as pessoas percebem a si mesmas e constroem sua identidade. Segundo Meneghetti (2022a, p. 240):

O Eu lógico-histórico, quando quer a perfeição da ação, deve refletir o Eu a priori: o Eu a priori é a reflexão do Em Si ôntico em situação histórica. Em cada momento da vida de um homem existe uma só ação ótima, e essa é refletida como Eu a priori, porque é exatamente o projeto formalizado ou sublimado da pulsão ôntica (Em Si ôntico).

Essa citação de Meneghetti propõe uma interação entre o entendimento filosófico do "eu" e sua manifestação no mundo concreto, especialmente no contexto de ação e escolha. É o nosso eu no "aqui e agora", influenciado pelas circunstâncias, cultura e história. Já o Eu a priori é “a forma virtual do Eu antes do acontecimento histórico, portanto, é a configuração da solução ótima do indivíduo em ambiente, aqui e agora” (Meneghetti, 2021, p. 111).

Na citação, Meneghetti sugere que para uma ação ser perfeita, o Eu lógico-histórico deve refletir o Eu a priori. Isso sugere que a verdadeira perfeição nas ações humanas é alcançada quando operamos de acordo com essa realidade pura ou natureza, não apenas como um produto de nossas circunstâncias. Assim, nossa ação mais autêntica ocorre quando estamos alinhados com nosso Eu a priori.

Enfatiza que há sempre uma única ação ótima em qualquer momento da vida de uma pessoa. Sugerindo que, apesar das escolhas que podemos fazer, há sempre uma escolha que está mais alinhada com nossa verdadeira natureza ou Eu a priori. Isso é ecoado na ideia de que essa ação é "o projeto formalizado ou sublimado da pulsão ôntica". Em essência, a verdadeira ação ou escolha é aquela que ressoa mais profundamente com a verdadeira natureza ou essência do ser.

Entender as influências históricas no desenvolvimento pessoal e social é crucial para compreendermos a complexidade e diversidade das sociedades contemporâneas. A história desempenha um papel fundamental na construção da identidade, cultura e valores de um povo. As experiências, lutas, conquistas e derrotas de um grupo social ao longo do tempo moldam suas formas de pensar, agir e interagir.

A primeira influência histórica destacável é a herança cultural, composta por valores, crenças, tradições, costumes e conhecimentos transmitidos de geração em geração. Esse patrimônio cultural é essencial para a formação da identidade de um povo e influencia diretamente suas formas de pensar e agir. A herança cultural pode ser observada, por exemplo, na maneira como os grupos indígenas preservam suas tradições e conhecimentos, mesmo em um mundo cada vez mais globalizado.

A segunda influência histórica é a estruturação econômica. A organização da sociedade para produzir, distribuir e consumir bens e serviços tem um impacto significativo no desenvolvimento social. A história revela que as mudanças nas formas de produção e nas relações comerciais, como a Revolução Industrial, causam efeitos profundos na organização das sociedades. A industrialização, por exemplo, transformou a sociedade europeia, alterando as relações de trabalho, o papel da família e a organização das cidades.

A terceira influência histórica é a política. As formas de governo e de organização política exercem uma influência decisiva no desenvolvimento social. A história demonstra que as lutas pela democracia, pelo direito ao voto e pela participação cidadão foram fundamentais para a construção de sociedades. Em contrapartida, alguns regimes autoritários têm um efeito bem questionável na vida das sociedades, cerceando a liberdade e a participação política dos cidadãos.

A quarta influência histórica é a geográfica. As características do território, como localização, clima, natureza e recursos naturais, impactam significativamente a vida das sociedades. A geografia pode influenciar a economia, a cultura e as formas de organização política. A história revela, por exemplo, que a posição geográfica da Europa em relação à Ásia

foi essencial para o desenvolvimento do comércio e das relações culturais entre esses continentes.

E, a quinta influência histórica é a tecnológica. As mudanças tecnológicas afetam significativamente a organização das sociedades. A história mostra que invenções e descobertas, como a eletricidade, o telefone, a televisão e a internet, transformaram a vida das pessoas, alterando as formas de trabalho, comunicação e lazer. A tecnologia pode contribuir tanto para o desenvolvimento social quanto para a exclusão e desigualdade. Portanto, é importante considerar políticas públicas que promovam o acesso igualitário às tecnologias.

Entender as influências históricas na construção do eu e na evolução social é fundamental para decodificar as complexas relações que ligam nossa identidade à configuração da sociedade. A relação entre Eu lógico-histórico e Eu a priori, ilustrada na citação de Meneghetti, destaca a relevância de sintonizar ação e projeto de natureza. Ao mergulhar nos reflexos das influências históricas – contemplando fatores como herança cultural, dinâmica econômica, ambiente político, geografia e avanços tecnológicos – é possível notar o peso do passado em moldar valores, instituições e paradigmas. Tendo essas reflexões como base, há a possibilidade de esboçar um caminho mais elucidado rumo a uma sociedade que valorize a singularidade, a justiça e o desenvolvimento conjunto, tomando as lições históricas como guia para um futuro mais brilhante.

#### **2.4 ANALISANDO O PROCESSO DE METANOIA NA ONTOPSICOLOGIA**

A Ontopsicologia busca compreender o ser humano em sua totalidade e singularidade, em uma perspectiva que conjuga um critério metafísico posicionado historicamente para realização existencial do indivíduo. Dentre os conceitos fundamentais dessa abordagem, destaca-se a metanoia, um processo de mudança profunda e transformação do ser. Meneghetti (2021, p. 180) define o termo como sendo uma “variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si”. A metanoia, então, não é uma mudança aleatória, mas uma revisão crítica para adequar os próprios modelos mentais e comportamentais à intencionalidade de natureza. A metanoia se apresenta como um caminho possível de solução para a problemática aberta do ser humano em sede social, pois propõe um reposicionamento geral do sujeito frente à própria vida e, por consequência, frente à sociedade.

De acordo com a Ontopsicologia, a metanoia implica em uma revisão dos valores, crenças e padrões de comportamento que regem a vida do indivíduo, levando-o a um estado de novidade em direção à própria identidade. Essa mudança ocorre a partir da superação do modo

de ser habitual, que muitas vezes é influenciado pela cultura, pelos traumas e pelos condicionamentos sociais. Meneghetti (2022b, p. 24) descreve:

Por meio da metanoia, restabelece-se a leitura direta do dado da unidade de ação, a leitura direta da identidade de natureza. A passagem vai iniciada gradualmente por meio da percepção viscerotônica. Para recuperar a nossa integridade existencial, devemos usar a sensibilidade, a leitura do nosso primeiro e elementar cérebro; veremos que muitos conhecimentos e muitos impactos àquela luz não resultarão iguais a isso que o banco de dados cerebral dá por certo, mas será um desmentido, uma oposição; àquele ponto, precisará escolher.

Meneghetti aponta para a necessidade de retomar a capacidade intuitiva e a percepção viscerotônica, o tipo de percepção mais direta e pura que o ser humano possui. A ideia é que, ao readquirir esse modo genuíno de impacto com a realidade, o ser humano é capaz de colher e ver o mundo com transparência e reversibilidade para, aí sim, escolher e decidir em base à concretude do real.

A citação aponta também para uma oposição entre o que indica a percepção viscerotônica e o que lê o “banco de dado cerebral”. Há, de fato, uma diferença, porque o modo de impacto com a situação é diferente: a percepção viscerotônica dá o inteiro da realidade em relação ao sujeito, enquanto o cérebro craniano faz uma leitura estereotipada, baseada em crenças, modelos e também na doxa societária. No fim, é uma escolha de cada um se disponibilizar a colher a intuição viscerotônica e agir em conformidade a ela.

Esse ganho de sensibilidade e capacidade intuitiva é essencial para tocar a nível causal daquilo que acontece na própria vida e é também um pressuposto indispensável para um sério processo de metanoia. É preciso voltar-se para a própria interioridade para depois se confrontar com o “mundo exterior”, pois só assim se ajusta o critério de realidade que consente a escolha otimal.

A metanoia não é um processo simples ou rápido, afinal é necessário “desconstruir” tantos comportamentos e hábitos mentais cultivados muitas vezes durante anos. É preciso estar disposto a enfrentar as sombras, os medos e as limitações internas, e buscar uma nova perspectiva sobre si mesmo e sobre o mundo. É um processo que está diretamente relacionado com a busca do sentido e propósito na vida. Ao reconhecer e superar as condições limitantes que o impedem de viver plenamente, o indivíduo pode encontrar um novo sentido e significado para sua existência, que não se baseiam em meras convenções sociais ou em expectativas externas.

Ao posicionar socialmente a metanoia, um dos aspectos mais importantes de se destacar é a dupla moral. Conforme o que já foi trabalhado na presente pesquisa, fica evidente que há uma lógica inerente à vida, que pulsa no ser humano e que é a que consente realização; por

outro lado, há uma lógica social, construída a partir do rigidismo de estrutura e que se impõe de fora para dentro no ser humano. Ao falar sobre dupla moral, Meneghetti indica para a necessidade de se ter a moral da vida e a moral social claras e saber transitar por meio das duas com maestria para salvaguardar aquilo que é mais genuíno: a própria identidade. Deve-se ter como critério máximo a moral da vida, mas a realização desta depende, necessariamente, de um mover-se que se dá em sede social, portanto é necessário observar a moral social para ter tranquilidade e autonomia ao realizar as próprias obras. Fundamentalmente, trata-se de não entrar em conflito – com nenhuma das duas morais e nem as colocar em conflito – e entender que na sociedade é preciso saber jogar, entender a lógica e visualizar sempre a escolha ótima que garante sempre mais de si mesmo e vitória diante da moral da vida.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se debruça sobre um tema complexo e amplo, que exige diálogo entre diversas áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, não se pretende exaurir o quanto é possível sobre a temática, mas contribuir com a discussão e provocar reflexões acerca da relação entre a doxa societária e a formação do Eu. Novas pesquisas podem e devem ser feitas para ampliar ainda mais o diálogo.

Após a análise das diversas perspectivas teóricas apresentadas ao longo deste artigo, é possível concluir que a doxa societária exerce uma influência significativa na formação do Eu. A partir das normas, valores e crenças que permeiam uma determinada sociedade, os indivíduos constroem suas identidades e se orientam em relação aos seus objetivos, propósitos e trajetórias de vida.

Partindo do questionamento acerca da influência da doxa societária na formação do Eu, entende-se que o trabalho foi capaz de fornecer as bases de resposta a esta questão. Em um primeiro momento, foram retomados conceitos importantes para compreender a doxa, que perpassam a lógica social da vida humana, a estrutura social, a força coercitiva institucional e o próprio conceito de doxa. Depois, passou-se para o Eu, com início na natureza humana, depois no nascimento do Eu e na formação do Eu, para compreender, posteriormente, as influências sociais e históricas nessa formação. Por fim, apresentou-se a metanoia e a dupla moral – propostas pela Ontopsicologia – como vias de solução para a problemática aberta.

No entanto, é fundamental enfatizar que a influência da doxa societária não é de natureza impositiva nem uniforme. Os sujeitos não são simples receptores passivos das mensagens culturais que permeiam seu ambiente. Pelo contrário, desempenham um papel ativo nesse processo complexo. Eles se envolvem ativamente na negociação dessas influências, reinterpretando e reconfigurando as normas, valores e crenças de acordo com suas experiências pessoais e perspectivas singulares.

Além disso, é crucial admitir que a doxa societária não se apresenta como um conjunto uniforme, mas sim como uma realidade plural e permeada por conflitos. Diversas perspectivas e visões coexistem, competindo pela supremacia na esfera pública, enquanto cada indivíduo tem a capacidade de escolher (seja de forma consciente ou inconsciente) quais dessas perspectivas ressoam com sua identidade e se tornam referências em sua vida. Essa diversidade de vozes reflete a riqueza da experiência humana e a complexidade da formação do eu dentro de um contexto social multifacetado.

Nesse contexto, a consultoria de autenticação desempenha um papel crucial. Por meio do método ontopsicológico, o ontopsicólogo auxilia os indivíduos a se retomar a própria diretividade ôntica, permitindo que eles aprendam a construir a própria vida em conformidade ao projeto de natureza individual. Essa orientação e discernimento oferecidos pela consultoria de autenticação contribuem para uma abordagem mais consciente e autêntica em meio às influências sociais complexas.

Em suma, a formação do eu, a doxa societária, o método ontopsicológico, a intencionalidade de natureza, a psicoterapia, a consultoria de autenticação são alguns dos elementos fundamentais para a compreensão do ser humano em sua totalidade. Ao considerar essas dimensões em suas teorias e práticas, é possível promover uma abordagem mais abrangente e eficaz na promoção do desenvolvimento humano e do bem-estar individual e coletivo.

Por fim, é fundamental destacar que a compreensão da doxa societária e de suas influências na formação do eu não se esgota em uma dimensão individual ou psicológica. A doxa também tem um caráter social e político, moldando as relações de poder e as práticas coletivas que afetam a vida de todos os membros da sociedade. Nesse sentido, uma análise crítica e reflexiva da doxa é indispensável para uma compreensão mais profunda dos desafios e possibilidades da existência humana.

#### 4. REFERÊNCIAS

- BOWLBY, J. (1969). **Attachment and loss**: Vol. 1. Attachment. New York: Basic Books.
- DIAS, R. Resenha: modernidade e identidade. **Psicologia & Sociedade**, 17 (3), p. 80-81, set/dez, 2005
- GIDDENS, A. **Sociologia** – 6. ed. publicado por Polity Press em associação com Blackwell Publishers Ltd. 2001.
- GRIFFITHS, M. (1995). Technological addictions. **Clinical Psychology Forum**, 76, 14-19.
- MENEGHETTI, A. **O nascimento do eu**, Porto Alegre, ABO, 1993a.
- MENEGHETTI, A. **Lições de Leningrado: Uma Introdução à Ontopsicologia**, Porto Alegre: ABO, 1993b.
- MENEGHETTI, A. **Lezioni di San Pietroburgo**, 2. ed. Psicologica Editrice, 1998.
- MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia e Memética**, 1. ed. Psicologica Editrice, 2003.
- MENEGHETTI, A. **Sistema e Personalità**, 4. ed. Psicologica Editrice, 2007.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, A. **Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.
- MENEGHETTI, A. **O monitor de deflexão na psique humana**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.
- MENEGHETTI, A. **Sistema e Personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.
- MENEGHETTI, A. **O Poder de Ser Pessoa**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022a.
- MENEGHETTI, A. **Isomaster: um ensaio sobre a infalibilidade econômica**, 3. ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2022b.
- MILLER, G. A. (1956). The magical number seven, plus or minus two: Some limits on our capacity for processing information. **Psychological Review**, 63(2), 81-97. doi: 10.1037/h0043158
- SHERIF, M. (1936). **The psychology of social norms**. New York: Harper.
- SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo: O poder de organizar se organizações**, 1. ed. Editora Zahar, 2012.